



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# **Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2**

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!  
Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROFISSÃO CONTÁBIL E PODERES PÚBLICOS: CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO E PROFISSIONALIZAÇÃO (1914-1926)	
Adelino Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0732119031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO	
Adriano Amaro de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0732119032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX	
Rafael Bassinello Paes de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.0732119033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
“EXCELLENTÍSSIMO CONSELHO”: ECONOMIA E SOCIEDADE EM SERGIPE DEL REY NAS ATAS DO CONSELHO DE GOVERNO DA PROVÍNCIA (1824-1831)	
Damilis Silveira Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0732119034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
O FENÔMENO DO TRÁFICO E PROIBIÇÃO DE ENTORPECENTES NO BRASIL DE 1890 A 2020	
Steven Adrian dos Santos	
João Victor Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0732119035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
“INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICA, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA”	
Luis Claudio Reginato Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.0732119036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ALTERIDADE E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	
Natalia Fioravanso Vieira Brizola	
DOI 10.22533/at.ed.0732119037	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO CANADENSE NA REDE INTELECTUAL INDIGENISTA TECIDA EM TORNO DA REVISTA <i>AMÉRICA INDÍGENA</i>	

(1942-1960)

Natally Vieira Dias

**DOI 10.22533/at.ed.0732119038**

**CAPÍTULO 9..... 81**

A CONFORMAÇÃO DA ESCASSEZ DE ÁGUA NA BACIA DO RIO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Paulo José da Fonseca Pires

Elaine Prochnow Pires

**DOI 10.22533/at.ed.0732119039**

**CAPÍTULO 10..... 95**

NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DA “HEGEMONIA NEOLIBERAL” - 1992-2015

Peterson Soares Pessôa

**DOI 10.22533/at.ed.07321190310**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

“DAVID GRIFFITH’S MASTERPIECE” E OS AFRO-AMERICANOS: UMA ANÁLISE ACERCA DA RECEPÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NORTE-AMERICANA DA OBRA CINEMATOGRAFICA ‘O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO’

Carlos Vinícius da Silva

Larieli Ceron de Lima

Marcos Alves de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.07321190311**

**CAPÍTULO 12..... 116**

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Arthur Rodrigues Fabrício

**DOI 10.22533/at.ed.07321190312**

**CAPÍTULO 13..... 134**

A QUESTÃO DA EXPLICAÇÃO EM HISTÓRIA: A CRÍTICA DE WILLIAM DRAY AO MODELO NOMOLÓGICO-DEDUTIVO DE CARL HEMPEL

Jacquelyn da Silva Souza

Sara Albieri

**DOI 10.22533/at.ed.07321190313**

**CAPÍTULO 14..... 141**

A HISTÓRIA SERIAL NOS ESTUDOS SOBRE A MORTE: REFLEXÕES ACERCA DOS TESTAMENTOS PAULISTAS (1592-1639)

Victor Mauric

**DOI 10.22533/at.ed.07321190314**

**CAPÍTULO 15..... 149**

UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PRESENÇA LUSITANA NO LESTE ASIÁTICO DO SÉCULO XVI

Marcus da Silva Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.07321190315

**CAPÍTULO 16..... 157**

MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Vinicius Tivo Soares

Jaime Estevão dos Reis

Giovanni Bruno Alves

DOI 10.22533/at.ed.07321190316

**CAPÍTULO 17..... 168**

A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Aline Ferreira Antunes

Flávia Cristina Paniago

DOI 10.22533/at.ed.07321190317

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 182**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 183**

## INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO

Data de aceite: 01/03/2021

**Adriano Amaro de Sousa**

Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/8293585437925965>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo investigar a geo-história do empresariado nipo-brasileiro no contexto do Oeste Paulista pelo viés da indústria-território-cultura, dando ênfase para os aspectos da imigração e do desenvolvimento. Entendemos o território da indústria nipo-brasileira pelos imigrantes japoneses e seus descendentes no país como produto social, lugar de vida e de relações econômicas. Ele é produto e condição de articulação entre o tempo histórico e os coexistentes. A região-território do Oeste Paulista é histórica e compreendida como área e possui determinadas características naturais/sociais que fomentaram os industriais: nipo-prudentinos e nipo-oeste.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geo-história, território, indústria, nipo-brasileiro e Oeste Paulista.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to investigate the geo-history of japanese-brazilian businesspeople in the context of Western São Paulo through an industry-territory-culture approach, emphasizing the aspects of immigration and development. We understand the territory of the Japanese-Brazilian industry by Japanese immigrants and their descendants in the country as a social product, place of life and economic relations. It is a product and condition for the articulation between historical time and coexistence. The West Paulista region-territory is historical and understood as an area and has certain natural/social characteristics that fostered industrialists: Japanese-prudentinos and Japanese-west.

**KEYWORDS:** Geo-history, territory, industry, Japanese-Brazilian and West Paulista.

### 1 | INTRODUÇÃO

O estudo sobre o desenvolvimento territorial do empresariado industrial nipo-brasileiro no território do Oeste Paulista surgiu com o interesse de analisar a participação da imigração japonesa no processo de desenvolvimento capitalista no Brasil, devido à sua importância na geo-economia industrial regional. Ademais, esta região foi campo fértil na atração da imigração direta e área de re-imigração dos nipônicos no país. A Geografia Histórica<sup>1</sup> presente no trabalho ganha relevância se relacionarmos com a Geografia Econômica.

1. Segundo Saquet (2003, p. 20-21), “na dinâmica territorial, a Geografia e a História interligam-se: Para se analisar o espaço geográfico não basta desvendar as suas múltiplas dimensões atuais. Há que se investigar também o processo histórico que lhe deu origem, pois aí estão, muitas vezes, os segredos da sua boa interpretação” (Abreu, 1997). É necessário buscar no passado, também, a



A geo-história do nipo-brasileiro pode ser analisada pela mobilidade populacional para o trabalho, que está diretamente envolvida na produção do território por meio da TRD (des-territorialização, re-territorialização e territorialização), devido os processos históricos desiguais e contraditórios determinados pela expansão do capitalismo e seus aspectos culturais.

Para Saquet (2003, p. 39),

simultaneamente, à desterritorialização dá-se a reterritorialização. São processos intimamente ligados na dinâmica socioespacial. Na primeira, há perda do território inicialmente apropriado e construído, a supressão dos limites, das fronteiras, como afirma Raffestin (1984), e na segunda, uma reprodução de elementos do território anterior, pelo menos, em algumas das suas características. O velho é recriado no novo, num movimento que representa as forças sociais, em que um dos papéis do Estado é justamente a reterritorialização, acontecida com os [japoneses] no Brasil e com as migrações internas.

O processo de produção do espaço geográfico apresentado na des-re-territorialização está eminentemente articulado com o Estado e com o capital, sendo que a desterritorialização dá-se, sobretudo, por fatores econômicos e políticos, de modo similar à re-territorialização. As pessoas migram condicionadas por um conjunto de elementos e processos.

Em linhas gerais, o presente artigo tem por objetivo investigar a geo-história do empresariado nipo-brasileiro no contexto do Oeste Paulista pelo viés da indústria-território-cultura, dando ênfase para os aspectos da imigração e do desenvolvimento. Entendemos o território da indústria nipo-brasileira pelos imigrantes japoneses e seus descendentes no país como produto social, lugar de vida e de relações econômicas. Ele é produto e condição de articulação entre o tempo histórico e os coexistentes. A região-território do Oeste Paulista é histórica e compreendida como área e possui determinadas características naturais/sociais que fomentaram os industriais: nipo-prudentino e o nipo-oeste.

## 2 | A DIMENSÃO GEO-HISTÓRICA DO INDUSTRIAL NIPO-BRASILEIRO

Inicialmente, a emigração japonesa está diretamente associada aos grandes movimentos migratórios internacionais ocasionados nos fins do século XIX e início do século XX. A emigração tem, na era da *Revolução Meiji* (1868), a sua inserção no processo geral do desenvolvimento capitalista, passando assim, de uma economia agrária feudal para uma economia industrial moderna. As relações diplomáticas entre Brasil e Japão foram iniciadas pelas políticas comerciais e migratórias do *Tratado de Amizade, de Comércio e*

compreensão do território atual; é preciso apreender suas diferentes determinações, seu processo de apropriação. Para Abreu (1998), o passado vem sendo um suporte sólido na busca da singularidade dos lugares. Passado cristalizado na paisagem, preservado por instituições (documentos, fotografias), ou ainda presente na cultura e na vida diária". Para o autor, o passado e o presente, o tempo lento e o tempo rápido, a permanência e a mudança, a construção e o processo, são elementos constitutivos da compreensão do espaço geográfico.

*Navegação* (1895)<sup>2</sup> e concretizadas pela *Companhia Colonizadora Kokoku* em visita ao país (1906-07)<sup>3</sup>.

Nesse sentido, a imigração japonesa para o Brasil foi iniciada oficialmente a partir de 1908, devido à dinâmica econômica do complexo cafeeiro, o fim da escravidão e as dificuldades crescentes com a imigração européia. Por isso, optou-se por trazer os japoneses como mão-de-obra assalariada para as lavouras de café. Ademais, o país incentivou a imigração nipônica subsidiando o transporte, enquanto outras nações (Estados Unidos, Canadá e Peru), impunham restrições de caráter social, político e econômico.

No dia vinte e quatro de abril de 1908, partem do porto de Kobe os primeiros imigrantes japoneses no navio *Kasato Maru* com destino ao Brasil. Vieram, no total, 781 pessoas contratadas e 12 imigrantes livres, que foram recrutados no Japão pela empresa *Kokoku Shokumin Kaisha* (Companhia de Colonização Japonesa). Essa primeira leva de imigrantes desembarcou no porto de Santos no dia dezoito de junho, sendo levados para a hospedaria do imigrante e, posteriormente, encaminhados para as fazendas de café, no interior do Estado de São Paulo (SAITO, 1961).

A imigração japonesa no Brasil concentrou-se, principalmente, no Estado de São Paulo, mais especificamente na região metropolitana de São Paulo, na Mogiana, no Vale do Ribeira e no Oeste Paulista. Além disso, instalou-se também na Amazônia (colônia Acará) e no Pará (colônia Tomé Açu) em meados da década de 1930, onde cresceram cultivando cacau, arroz, milho, mandioca e outros produtos. Mas a cultura que possibilitou a emancipação econômica desses “poucos” japoneses na região norte do país foi a produção da pimenta-do-reino.

A mobilidade geográfica<sup>4</sup> do imigrante japonês no Estado de São Paulo está relacionada com a busca da sua independência financeira, por isso eles procuraram outras regiões com terras mais baratas para o trabalho autônomo. A população migrante veio das Velhas Zonas de Café da região de Ribeirão Preto, Vale do Ribeira e Baixada Santista. Essa mobilidade tem como foco o Oeste Paulista<sup>5</sup>, após a construção da estrada de ferro, que possibilitou a conquista do interior paulista.

2. O *Tratado de Amizade, Comércio e Navegação* entre Brasil e Japão foi assinado em Paris no dia 5 de novembro de 1895, pelo representante do Japão Arasuke Sone e pelo Brasil Gabriel de Toledo Piza e Almeida. Esse acordo concretizava as relações bilaterais desses dois países (HIRATA, 1995).

3. A visita oficial ocorreu entre 1906 e 1907, com o presidente da *Companhia Colonizadora Kokoku*, Ryu Mizuno, que fez duas viagens ao Brasil. Na primeira viagem, fez um reconhecimento das condições ambientais e agrícolas do Estado de São Paulo. Na segunda, firma com o governo estadual um contrato no qual se estabeleceu a imigração de 3.000 pessoas por ano a partir de 1908 (ENNES, 2001).

4. A mobilidade humana para o trabalho está diretamente envolvida na produção do território por meio da TDR (desterritorialização, reterritorialização e territorialização), devido aos processos históricos desiguais determinados pela expansão do capitalismo e seus aspectos culturais (HAESBAERT, 2004).

5. A região do Oeste Paulista em meados da década de 1920 e 1930 era composta pela regionalização das linhas férreas, por isso quando nos referimos a Alta Sorocabana (Presidente Prudente), Alta Paulista (Marília) e Noroeste (Araçatuba e Bauru) estamos enfatizando as áreas colonizadas no entorno dos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, da Estrada de Ferro Noroeste e da Estrada da Companhia Paulista. Atualmente, a regionalização dessa área segue as características geoeconômicas, entretanto, as principais regiões administrativas do Estado de São Paulo no Oeste Paulista são: 9º Araçatuba, 11º Marília, 10º Presidente Prudente e 8º São José do Rio Preto.

Assim, a Noroeste era composta pelos municípios de Bauru, Lins, Araçatuba e Cafelândia, que foi a primeira região a agregar os colonos japoneses em 1930, para o cultivo do café. A outra região, a Alta Sorocabana, estava representada pelas cidades Presidente Prudente, Assis, Rancharia e Presidente Epitácio, que cresceu na década de 1940 pela dinâmica da cotonicultura. A Alta Paulista tinha um grande contingente de imigrantes nipônicos que surgiram a partir do final da década de 1930, devido ao cultivo de algodão (SAKURAI, 1995). Os núcleos de colonização japonesa da Alta Paulista e Noroeste foram pólos de produção agrícola, as colônias<sup>6</sup> que mais se destacaram foram a de Bastos formada pela companhia *Bratac* e a colônia Aliança I e II localizada em Mirandópolis, criada por uma instituição religiosa. Além disso, há colônias nascidas de iniciativas espontâneas, como no caso da Alta Sorocabana, a colônia Brejão.

De modo geral, essas regiões que foram áreas de imigração japonesa deram-se pela expansão da frente pioneira<sup>7</sup> que avançou o interior do Estado de São Paulo, onde o migrante japonês buscava adquirir a sua pequena propriedade privada em terras férteis para produção do algodão. Foi com esta cultura que os imigrantes trabalhando a princípio como arrendatários que, posteriormente, com os lucros laborais auferidos conseguiram comprar o seu primeiro lote rural.

A identificação entre algodão e pequena propriedade deve ser acrescentado um terceiro elemento: o japonês. Com efeito, o grosso da imigração japonesa desembarcou em Santos no exato momento em que os agricultores paulistas lançavam-se na cultura do algodão. Já em 1920, quando a queda do preço do café, japoneses recém-chegados começaram a plantar algodão. [...] Foi então que se viu a chegada da massa da imigração amarela, dirigida inteligentemente e preparada, antes do embarque no Japão, para do algodão. [...] É incontestável que os pioneiros japoneses asseguraram o sucesso do algodão na sua fase inicial (MONBEIG, 1984, p. 288-289).

O sucesso da produção do algodão e do assentamento populacional da imigração japonesa no Oeste Paulista ocorreu pelos investimentos do governo japonês nas companhias de emigração *Bratac*<sup>8</sup> e *Brazcot*<sup>9</sup>, que foram responsáveis pela compra de terras, insumos

6. As colônias correspondem aos núcleos voluntários que se formavam quando havia uma certa concentração de imigrantes japoneses nas áreas rurais. Este termo, portanto, é utilizado até hoje para designar a comunidade nipônica (SAITO, 1973).

7. O conceito de frente pioneira, elaborado por Léo Waibel, foi re-trabalhado por Vieira (1973), visando entender o avanço dinâmico da monocultura do café em terras livres como a do Oeste Paulista que foram pólo de atração do movimento populacional. Tal autora, analisou a frente de expansão paulista utilizando-se também de conceitos da antropologia como fronteira étnicas e de expansão para compreender a participação do imigrante japonês e na frente paulista. Para Monbeig (1984, p. 165), a frente de expansão é *“uma fronteira que progride irregularmente e em direções confusas”*. Nesse sentido, a marcha para o interior Paulista é um movimento de ocupação irregular, onde população, plantação, pastagens e florestas remanescentes convivem num mesmo espaço.

8. A *Bratac* empresa Sociedade Colonizadora do Brasil foi criada em março de 1929, tinha como objetivo a compra, venda, locação e hipoteca de imóveis, a fundação e a exploração dos núcleos colônias, a introdução e localização de imigrantes, a construção e exploração de vias férreas, estradas e todos os outros meios de comunicação, a exploração das terras e todas as atividades inerentes a colonização. Enfim, ela assumia também a organização das escolas, dos hospitais e subvencionava as associações culturais nipo-brasileiras. Com isso, a *Bratac* estendia seu controle sobre todas as atividades dos colonos (MONBEIG, 1984).

9. Segundo Vieira (1973), a *Brazcot* (Sociedade Algodoeira Brasil-Japão Ltda) fundada em 1936, tinha por objetivo financiar

agrícolas, transporte, venda e exportação do algodão. Em menor escala essas empresas privadas atuavam no cultivo de outros produtos, como café, arroz, amendoim, usinas de açúcar e bicho da seda. Investiram em casas bancárias para financiar a produção da pequena propriedade privada, pois os bancos comerciais, nacionais e estrangeiros só financiavam as grandes produções e as agroindústrias. Os bancos japoneses que se destacaram na época foram três: Casa Bancária Tozan, Banco Noroeste e Banco América do Sul.

A cultura do algodão foi substituída na década de 1940 pela produção de amendoim e hortelão – pela criação do bicho-da-seda, de aves e de gado. A partir dos anos 1960, houve uma redução da área cultivada da agricultura de monocultura, levando as indústrias beneficiadoras a, paulatinamente, fecharem as suas atividades. Posteriormente, com o surgimento da pluratividade de culturas, os nipônicos continuam a se destacar com a avicultura e sericicultura, além do plantio das culturas hortifrutigranjeiro (verduras, legumes, ovos e outros produtos de feiras livres – abasteciam os CEASAS) e da soja (para fazer o molho de *shoyu*<sup>10</sup>).

A presença do migrante japonês e de seus descendentes no espaço urbano do Oeste Paulista deu-se por que as cidades formadas a beira dos trilhos tornaram-se centro de concentração da população, da produção e dos serviços. Ademais, os nipônicos procuravam o trabalho autônomo e não o assalariado na cidade, por isso muitos deles se tornaram pequenos empresários urbanos.

Postos que os primeiros contingentes de imigrantes não eram de agricultores em sua maioria, à medida que acumulavam alguns capitais muitos preferiram abandonar o campo e dedicar-se algumas atividades urbanas, em especial o comércio. Nas pequenas cidades do interior paulista, abriam um pequeno negócio, geralmente um botequim, um armazém, cuja clientela seriam seus patrícios (ENNES, 2001, p. 59).

O capital acumulado pelos nipônicos no árduo trabalho na lavoura, posteriormente no comércio, ajudou tempos depois na aquisição das suas pequenas unidades fabris (SOUSA, 2002). É válido ressaltar que, muitos deles se tornaram profissionais liberais (médicos, engenheiros, advogados, e etc.) e um número reduzido, em empresários industriais.

Os empresários industriais nipo-brasileiros no Oeste Paulista, de modo geral, não eram agricultores em seu país de origem. Por isso, alguns deles conseguiram reproduzir no Brasil as velhas atividades que eram tradições familiares no Japão, como trabalhar com bebidas (de *sakue* no Japão para água ardente no Brasil), *shoyu* (molho de soja) e fiação e comprar a produção dos imigrantes japoneses no Brasil. Tal sociedade também investiu no setor comercial e industrial, instalando máquinas beneficiadoras e construindo grandes armazéns. A *Brazcot* detinha em 1937, quase 50% das compras de algodão da colônia japonesa em Marília e os outros 50% era comercializado com as indústrias Anderson Clayton e Sanbra. O destino da produção de algodão dos nipônicos era para as indústrias da capital paulista, mas sobretudo, para exportações junto aos países do Japão e Alemanha.

10. A soja juntamente com o trigo era o principal ingrediente para a fabricação do *shoyu*. Porém os japoneses tinham grandes dificuldades de encontrar esses produtos no Brasil, naquela época, por isso a partir da década de 1950 houve uma mudança na fórmula do produto, substituindo o trigo pelo milho deixando o molho de soja mais adocicado do que o tradicional.

de seda. Enfim, os nipônicos que se tornaram capitalistas souberam aproveitar a dinâmica econômica década de 1940-50, que consolidaram a formação do mercado interno das cidades do interior paulista, montando pequenos comércios e unidades fabris artesanais.

Em poucas palavras, o processo de industrialização regional se iniciou com os imigrantes e foi pouco expressivo em relação às outras atividades econômicas (agricultura, comércio e serviços) em nível estadual e nacional. Por outro lado, os empresários regionais não investiam no setor industrial, mas, no setor agropecuário e imobiliário urbano devido à facilidade de ganhos monetários e do baixo risco financeiro. Contudo, incentivavam os investimentos externos na industrialização regional, porém, os próprios empresários não se arriscavam diretamente no setor industrial.

Diante desse quadro, surge o imigrante japonês interessado no setor industrial, diferentemente de outros empresários regionais, que propagavam o discurso industrializante, mas investiam em outros setores. Por isso, torna-se necessário conhecer a geo-história da indústria e do industrial nipo-brasileiro no Oeste Paulista.

### **31 O DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA E DO INDUSTRIAL NIPO-BRASILEIRO NO OESTE PAULISTA**

As indústrias do Oeste Paulista, de certo modo, foram fomentadas pelas iniciativas de imigrantes japoneses e italianos, que começaram com as suas pequenas atividades artesanais na década de 1940, ligadas ao ramo da alimentação e bebidas, atendendo ao mercado local/regional. Posteriormente, dessas indústrias, destacaram-se as empresas japonesas na produção de molho de soja, granja avícola, fiação de seda, bebidas, ferramentas e equipamentos agrícolas. Juntamente com essas indústrias nipo-brasileiras, outras se expandiram, dando uma nova dinâmica à industrialização regional, que ao longo do tempo, foi se especializando na produção de alguns tipos de alimentos e de venezianas (janelas metálicas) em Marília/SP, molho de soja e bebidas em Presidente Prudente/SP, agroindústria de granja avícola em Bastos/SP, sementes e nutrição animal em Álvares Machado/SP e equipamentos agrícolas em Pompéia/SP.

A trajetória dessas indústrias nipo-brasileiras mistura-se com a história da industrialização no Oeste Paulista. Elas tiveram como motivação a(s) *substituição de importações* e foram consolidadas após a Segunda Guerra Mundial. Atualmente, essas empresas são de médio a grande porte e de capital local familiar.

A empresa familiar é formada pelos membros da família há pelo menos duas gerações. Nela a política do empreendimento está balizado pelos objetivos e interesses da família. Uma outra característica básica é a sucessão do poder decisório de maneira hereditária.

A empresa familiar está vinculada a história dos imigrantes, que abandonando o seu país de origem iniciam no Brasil, muitas vezes descapitalizados, suas unidades produtivas

artesanais. Nesse sentido, em razão das questões culturais portuguesas, alemãs, italianas, sírio-libaneses e japoneses sempre tiveram um apego à propriedade. As empresas comandadas por esses imigrantes cresceram através do capital próprio, sobretudo, com uma administração paternalista. O crescimento e desenvolvimento da economia brasileira deram-se balizados sobre as empresas familiares. Elas são grandes empregadoras de mão-de-obra.

Historicamente, as fases do empresariado das empresas familiares no Brasil, foram: a) empresário paternalista - maior representante foi o Conde Matarazzo. Esse período pode ser considerado o início da industrialização do Brasil e está marcado pelo debate entre as duas burguesias industriais: os cafeicultores e os imigrantes burgueses; b) administradores profissionais schumpeterianos - surgiu de forma significativa a partir da grande Depressão de 30 e da Segunda Guerra Mundial, consolidando assim, a industrialização substitutiva de importações. Logo, depois com a entrada das multinacionais; e, por último, c) empresários schumpeterianos - são empresários empreendedores. A dinâmica da inovação schumpeteriana pode ser encontrada no Brasil, a princípio, com a introdução dos administradores-profissionais, mas, no entanto, só irá se consolidar com a abertura econômica/comercial na década de 1990 no Governo Fernando Collor de Melo. Enfim, entendemos por empresário industrial o indivíduo que investe o seu trabalho no setor fabril (de transformação da matéria-prima em produto industrializado) tendo como característica a inovação schumpeteriana<sup>11</sup>.

As empresas familiares dos industriais nipo-brasileiros no Oeste Paulista analisadas nesta pesquisa possui as seguintes características: a) a família é proprietária da unidade produtiva ou detêm a maioria do capital da empresa, com isso controlando o processo decisório; b) os membros da família presentes na administração direta dos negócios; e, c) sucessão familiar na direção da empresa, garantindo, assim, a perpetuidade do negócio dentro da estrutura familiar.

Para Cardoso (1998), a organização familiar japonesa é uma unidade de trabalho e cooperação, sendo que a família é uma empresa e o chefe da família é seu administrador. Essa unidade corporativa está baseada na continuidade genética e na perpetuação do nome da família.

Nessa perspectiva, o *Zaibatsu*<sup>12</sup> foi o principal representante das grandes empresas familiares japonesas após a restauração da *Era Meiji*. Nelas permaneciam as

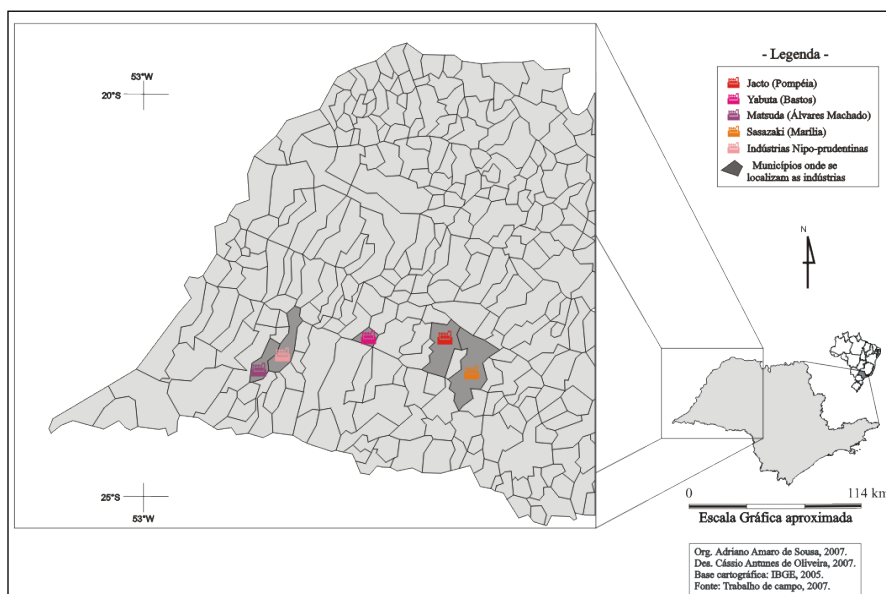
11. As inovações schumpeterianas materializadas pela figura do empresário-empreendedor são balizadas pelas novas combinações, que iniciaria um processo de mudança no sistema econômico levando a um fenômeno descrito como destruição criadora. Para o autor, o processo de destruição criadora é um mecanismo atribuído à dinâmica do sistema econômico que tende a se tornar uma prática incessante: do fenômeno destrutivo aplicado ao “velho” se cria o “novo” através das inovações SHUMPETER (1982).

12. O *Zaibatsu* era um conglomerado de grandes empresas familiares que surgiram entre 1870 e 1920, estes estavam fortemente articuladas e integradas com o Estado japonês, por isso tiveram uma enorme concentração econômica, de renda e de prestígio, além de deter o monopólio em determinados setores estratégicos, como: bancos, exploração mineral, indústria bélica, têxtil e comércio exterior. Os principais grandes Zaibatsu eram Mitsui, Mitsubishi, Yasuda, Sumimoto, Okura, Furukawa, Kuhara, Suzuki, Fujita e Asano.

relações familiares tradicionais nas fábricas paralelas aos empreendimentos modernos. Posteriormente, cresceram e se transformaram em organizações independentes do parentesco, porém, mantendo o nome da família. Cardoso (1998, p. 100), afirma que *podemos admitir que este modelo ideológico mostrou sua maleabilidade no tempo, acomodando-se a situações novas e, com os japoneses, deslocou para o Brasil.*

Assim, alguns clãs familiares no Japão (Mitsui, Mitsubishi, Yasuda, Sumimoto etc.) dinamizaram a industrialização nesse país e, posteriormente, tornaram-se empresas multinacionais. Tempos depois os imigrantes japoneses no Brasil iniciaram de certo modo o processo de industrialização no Oeste Paulista balizado na unidade familiar nipônica. Hoje os nipo-brasileiros procuram por meio da sua longevidade perpetuar o nome da família na empresa. É válido ressaltar que, os *Zaibatsus* tinha o apoio do Estado e atuavam em setores estratégicos. Já as indústrias nipo-brasileiras iniciaram de forma modesta e cresceram, paulatinamente, conforme a conjuntura econômica da época e a especificidade do seu território.

O território das indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista a ser estudados está dividido em dois: nipo-prudentina e nipo-oeste. Procuramos, aqui fazer uma síntese da caracterização e comparação desses dois grupos de indústrias nipônicas. Tal comparação nos ajuda a compreender a totalidade das indústrias nipo-brasileiras nesse território<sup>13</sup> (ver Mapa 1).



Mapa 1 - Indústrias Nipo-brasileiras no Oeste paulista

13. Os resultados obtidos, que serão apresentados, faz uma comparação de dois relatório de uma pesquisa qualitativa financiado pela FAPESP (2007/2008), sendo que um deles foi estudado as características dos industriais nipo-prudentinos e o outro dos industriais nipo-oestes (de médio a grande porte) excluindo os nipo-prudentinos.

As indústrias nipo-prudentinas (Alimentos Wilson, Bebidas Asteca, Bebidas Funada e Sakura Nakaya) se destacaram pelos seus produtos (bebidas e molhos – em especial o molho de soja) e, também, pela conquista de novos mercados em todo território nacional e até internacional. Essas quatro unidades de produção atuam no mesmo segmento de bebidas e molhos e são concorrentes entre si, exceto a Indústria de Bebidas Funada que produz refrigerante, um produto diferenciado daqueles das outras três indústrias. Das quatro indústrias nipo-prudentinas, apenas três podem ser consideradas de capital local. Já a Indústria Sakura Alimentos após 1976, deixou de ser capital local devido à fusão da unidade prudentina com a indústria do Sr. Suekichi Nakaya, passando assim, a ser uma simples filial de uma grande empresa brasileira.

Já o desenvolvimento das indústrias nipo-oestes (Maq. Agr. Jacto S/A, Sasazaki Ind. e Com. Ltda, Granja Yabuta Ltda e Matsuda Imp. Exp. Ltda) mostraram-se flexíveis na produção ao longo do tempo, consolidando assim, a sua longevidade. Conforme Mourão (2005, p. 9911), essa flexibilidade na produção,

[...] já podia ser encontrada nas pequenas oficinas, que artesanalmente consertavam e produziam implementos agrícolas, existentes na região durante as fases do café, do algodão e do amendoim. Algumas dessas pequenas oficinas, geralmente de imigrantes japoneses, tornaram-se indústrias produtoras de máquinas e implementos agrícolas até a década de 70. Desde o início, essas firmas demonstraram grande capacidade de se adaptar às exigências do mercado agrícola, sempre lançando produtos novos que significavam um avanço tecnológico. Essas empresas nos anos 70 e 80, vão acompanhando o processo de urbanização brasileiro, diversificam suas linhas de produtos para fugir das crises do setor agrícola. Como exemplo temos a Sasazaki que torna-se a maior produtora de esquadrias metálicas do Brasil, a Ikeda e Filhos que além do arado de aiveca produz churrasqueiras motorizadas e caixas de som de alta definição, e a Jacto, maior fabricante mundial de pulverizadores, que também produz máquinas agrícolas, carrinhos elétricos, utilidades domésticas de plástico, aparelhos para ginástica e coletores de energia solar.

Nessa perspectiva, a indústria Matsuda vem incorporando novas tecnologias através de convênios com centros de pesquisas e institutos, procurando, assim, uma flexibilidade nas relações de produção e mudanças profundas na organização/trabalho. Ademais, a indústria procura diversificar os seus produtos (sementes, nutrição animal, *petfood* e equipamentos agrícolas) como estratégia de sobrevivência, pois se uma área está com baixa rentabilidade às outras ajudam a manter a receita da empresa.

Por outro lado, a Granja Yabuta mantém a dinâmica da produção de ovos, buscando reduzir custos e aumentar a produtividade para obter uma maior lucratividade. Mas, para agregar valor no seu produto ela destina grande parte da sua produção para a Cooperovos que industrializa o ovo em pó e o líquido, além de dar uma destinação final para o produto. Ou seja, a granja subcontrata uma outra empresa (no qual a Yabuta também é sócia) para processar e vender esse novo produto transformado/industrializado.



Em síntese, o panorama geral dessas indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista deu-se pelas pesquisas em livros, artigos, sites das respectivas indústrias e pelos relatos orais obtidos em trabalho de campo (maio/2007 a novembro/2007). Todas elas estão ligadas ao ramo industrial, ofertando produtos para serem utilizados no espaço rural, como: sementes, máquinas e equipamentos agrícolas. Ou ofertado no espaço urbano, como: ovos, molhos, bebidas alimentos. Porém, a comparação entre as indústrias nipo-prudentinas e as indústrias nipo-oestes deu-se pela necessidade de compreender a dimensão da contribuição do nipo-brasileiro para o desenvolvimento [territorial] industrial dessa região. De modo geral, no quadro 1 verificamos o perfil sócioeconômico dos municípios em que estão localizadas as indústrias nipo-brasileiras.

<b>Indústria</b>	<b>Município</b>	<b>População</b>	<b>N. Indústria</b>	<b>PIB Industrial</b>
Máq. Agr. Jacto S/A	Pompéia	18.862	123	R\$ 261.367
Matsuda Imp. Exp. Ltda.	Álvares Machado	25.467	64	R\$ 46.290
Sasazaki Ind. C. Ltda.	Marília	224.903	711	R\$ 552.574
Granja Yabuta Ltda.	Bastos	21.676	39	R\$ 40.079
Nipo-prudentias*	Pres. Prudente	206.704	744	R\$ 395.306

Quadro1: Perfil sócioeconômico dos municípios em que estão localizados as indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista.

Fonte: [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades) – acesso 23/05/07.

Organizador: Adriano Amaro de Sousa.

\* As indústrias nipo-prudentinas: Alimentos Wilson, Bebidas Asteca, Bebidas Funada e Sakura Nakaya.

No quadro acima, podemos verificar dois grupos para analisar o perfil sócioeconômico dos municípios supracitados. O primeiro grupo é composto pelos municípios de pequeno porte: Álvares Machado, Bastos e Pompéia. Dentre eles, Pompéia é o município que mais se destaca no setor industrial devido a importância da empresa Jacto S/A, o PIB industrial é dobro das outras atividades econômicas, além disso possui um ótimo número de estabelecimentos industriais. Já em Álvares Machado o setor industrial sede lugar ao comércio e serviços, apesar de uma boa dinâmica industrial da empresa Matsuda. No município de Bastos a agropecuária supera o ramo industrial, por isso, notamos um número pequeno de indústrias, a maioria das granjas tem características agrícolas e não de agroindústrias.

Por outro lado, o segundo grupo é formado por municípios de médio porte: Marília e Presidente Prudente. O município de Marília tem um setor industrial fortemente articulado no ramo alimentício (massas e doces) e esquadilhas metálicas, seguido pelo comércio e serviços. Há várias empresas (médio a grande porte) de capital local e externo que

polariza o crescimento do setor industrial, entre elas a indústria Sasazaki. As indústrias nipo-prudentinas contribuíram de forma significativa para o valor adicionado da indústria no município, porém o setor de comércio e serviços é o dobro do PIB industrial, os ramos mais importantes são os de bens de consumo não durável, e a indústria nipo-prudentina se especializou nos setores de bebidas, molhos e alimentos – nela há uma predominância de pequenas e médias empresas (PMEs).

Indústria	Fundador da Indústria	Chegada no Brasil	Instalação da Indústria	Origem Japonesa <sup>14</sup>
<b><i>Nipo-prudentino</i></b>				
Alimentos Wilson Ltda.	Motoichi Oki	1934	1945	Issei (1 geração)
Bebidas Asteca Ltda.	Keneti Fukuhara Massami Honda	1913	1948	Issei (1 geração)
Bebidas Funada Ltda.	Mappei Funada	1932	1947	Issei (1 geração)
Sakura Nakaya Ltda	Hidekazu Nakaya Suekichi Nakaya	1932	1950	Issei (1 geração)
<b><i>Nipo-oeste</i></b>				
Máq. Agr. Jacto S/A	Shinji Nishimura	1932	1948	Issei (1 geração)
Matsuda Imp. Ltda.	Shichiro Matsuda	1935	1948	Issei (1 geração)
Sasazaki Ind. C. Ltda.	Kosaku Sasazaki Yusaburo Sasazaki	1932	1943	Issei (1 geração)
Granja Yabuta Ltda.	Rokunossuke Yabuta	1929	1947	Issei (1 geração)

Quadro 2: As indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista I.

Fonte: FIESP/CIESP e trabalho de campo (05/2007 a 11/2007).

Organizador: Adriano Amaro de Sousa.

Os dados do quadro 2, apresentam dois grupos distintos: nipo-prudentina e nipo-oeste. Apesar de diferentes eles mostram semelhanças entre si. As características mais comuns desses grupos são: a) os fundadores das indústrias foram imigrantes japoneses; b) eles chegaram ao Brasil na década de 1930; e, c) instalaram suas primeiras unidades produtivas na década de 1940, durante e após o término da II Guerra Mundial. Esses imigrantes, apesar de estarem separados espacialmente, tiveram trajetórias de trabalho semelhantes, pois chegaram no Brasil em um período propício para acumular capital na lavoura e, posteriormente, com o final da guerra eles se fixaram no país, muitos abriram pequenos negócios, como é o caso desses industriais nipo-brasileiro no Oeste Paulista.

14. O grau de parentesco dos industriais nipo-brasileiros deu-se pela descendência japonesa constituída no Brasil. As características são: *issei* (1º geração), *nissei* (2º geração), *sansei* (3º geração) e *ionsei* (4º geração). Tal característica contribui para a formação das origens sociais, juntamente, com a análise da trajetória de trabalho do imigrante nipônico regional, desde sua participação no complexo cafeeiro até o seu papel na industrialização do Oeste Paulista.

<b>Indústria</b>	<b>Ramo de Atividade</b>	<b>Porte da Indústria</b>	<b>Escolaridade do Fundador</b>	<b>Associação Nipônica</b>
<b><i>Nipo-prudentino</i></b>				
Alimentos Wilson Ltda.	Alimentos e bebidas	Médio	Eletrotécnica incompleto	Sim
Bebidas Asteca Ltda.	Bebidas e molhos	Médio	Ensino fundamental incompleto	Sim
Bebidas Funada Ltda.	Bebidas	Médio	Ensino médio incompleto	Sim
Sakura Nakaya Ltda	Alimentos e molhos	Grande	Ensino fundamental incompleto	Sim
<b><i>Nipo-oeste</i></b>				
Máq. Agr. Jacto S/A	Máquinas agrícolas	Grande	Técnico mecânico	Sim
Matsuda Imp. Ltda.	Sementes e máquinas agrícolas	Grande	-----	Sim
Sasazaki Ind. C. Ltda.	Esquadilhas metálicas	Grande	Ensino médio incompleto	Sim
Granja Yabuta Ltda.	Granja avícola	Grande	Ensino fundamental incompleto	Sim

Quadro 3: As indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista II.

Fonte: Trabalho de campo (05/2007 a 11/2007).

Organizador: Adriano Amaro de Sousa

A indústria nipo-brasileira representada no quadro 3, pode ser interpretada e analisada pelo porte da indústria. Assim, temos dois grupos. O grupo de médio porte representa a maioria da empresa nipo-prudentina do ramo de alimentação e bebidas, essas indústrias atuam em um nicho de mercado que não concorrem com as grandes empresas nacionais e multinacionais. Aqui, nota-se que o grau de escolaridade do imigrante (de modo geral) era o ensino fundamental, este nível de instrução pode ter auxiliado na manutenção e longevidade desse empreendimento.

O grupo de grande porte representa todas as empresas nipo-oestes mais a indústria Sakura, elas na sua maioria atuam nos setores de máquinas agrícolas e agroindústrias (alimentação), desde início sempre investiram em aquisições de novas tecnologias, por isso hoje são empresas competitivas e muitas vezes concorrem com o grande capital. O nível de escolaridade deles era bem elevado na época e pode ter ajudado na flexibilidade das relações da produção, na incorporação de tecnologias modernas e nas novas técnicas organizacional e de trabalho. É válido ressaltar também, o saber-fazer dos imigrantes japoneses, ou seja, suas habilidades, criatividade e invenções, em alguns ramos específicos (shoyo, seda, mecânica, etc).

Assim, as indústrias nipo-brasileiras se estruturaram, cresceram e desenvolveram dentro de um modelo econômico o sistema capitalista de produção, que na sua essência é contraditório, desigual e combinado. O trabalhador-migrante japonês veio para o país para

ser mão-de-obra barata nas fazendas de café. É com a ajuda do Estado brasileiro e do Governo do japonês que esses imigrantes definitivamente foram re-territorializados. Mas, foi com o trabalho e com a poupança do grupo familiar ou individual e, sobretudo, com a exploração do trabalho de outrem que os nipo-brasileiros puderam constituir aqui as suas unidades fabris (de artesanal à fábrica).

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos sintetizar que, a história de vida e de trabalho desses industriais nipo-brasileiros no território do Oeste Paulista são semelhantes, pois todos vieram para o Brasil despossuídos de qualquer quantia monetária. Já a acumulação de capital deu-se de forma diferente. Os nipo-oestes acumularam somente no trabalho agrário. Nessa perspectiva, os nipo-prudentinos também acumularam no trabalho da lavoura, em especial, no comércio. Assim, a fusão do capital agrícola com capital comercial é a base da formação dessas indústrias pesquisadas. O sucesso empresarial desses imigrantes ocorreu pelo trabalho familiar associado a disciplina e a organização laboral. O salto qualitativo do nipo-brasileiro de agricultor para capitalista industrial deu-se eminentemente pela exploração do trabalho de outrem (a mais-valia) que é o cerne do lucro do capitalista, mas, sobretudo, pelas inovações e invenções desses empresários.

As indústrias nipo-brasileiras no Oeste Paulista foram analisadas pelo rol das indústrias de grande porte (Jacto, Granja Yabuta, Matsuda, Sasazaki e Sakura) e, também, pelo rol das indústrias de médio porte (Wilson, Asteca e Funada). Uma outra análise que deve ser feita é que na indústria nipo-prudentina há uma concentração de indústrias do mesmo ramo de atividades (bebidas e alimentos) concentradas em uma cidade (Presidente Prudente). Já a indústria nipo-oeste apresenta uma dispersão de cidades (Álvares Machado, Bastos, Marília e Pompéia) e de diversificação produtiva (granja avícola, sementes forrageiras, máquinas e equipamentos agrícolas). A separação desses dois grupos ocorreu de forma didática e porque foram feitas duas pesquisas diferentes, porém, elas representam uma única realidade que é a dinâmica industrial do Oeste Paulista. Aqui, neste artigo procuramos verificar as características e as complementariedades dessas duas pesquisas que se apresentam em espaços e territórios diferentes, por isso, a diversificação dos setores de atividades.

O desenvolvimento [territorial] industrial do Oeste Paulista deu-se pelas benesses da marcha cafeeira para o oeste (estrada de ferro, terras férteis, formação de cidades, entre outros) que abriu um mercado com poucos concorrentes, despertando assim, as pequenas iniciativas de imigrantes artesãos, em especial dos japoneses que *a priori* visavam ofertar produtos aos seus patrícios, dentre eles o molho de soja (*shoyu*) e outros produtos da culinária japonesa. Posteriormente, com a concorrência e a competitividade mais acirrada, eles se especializaram em vários ramos, ora concorrendo com o grande capital (máquinas

e equipamentos agrícolas, biscoito, confeitaria, sementes forrageiras etc) e ora em nicho de mercado (bebidas, molhos, produtos típicos da culinária japonesa etc) atendendo um público que, muitas vezes, não é alvo de grandes empresas brasileiras e multinacionais, devido ao seu baixo poder aquisitivo.

De modo geral, as origens do empresariado industrial brasileiro tiveram início no final do século XIX, pelas iniciativas dos imigrantes (italianos, alemães, portugueses, entre outros), que iniciaram seus empreendimentos com “capitais modestos” de caráter familiar e, posteriormente, se transformaram em grandes indústrias. Por outro lado, a gênese do empresariado industrial no Oeste Paulista deu-se quase meio século depois, pelo saber-fazer (cultura, signo e capital social) dos imigrantes japoneses e italianos, que começaram as suas unidades fabris artesanais ou pequenas oficinas de consertos balizados no trabalho familiar.

## REFERÊNCIAS

BOMTEMPO, Denise Cristina. **Os sonhos da migração**: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Alvares Machado/SP. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2003. (Dissertação de Mestrado)

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Empresários e administradores no Brasil**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1974.

CARDOSO. Ruth Corrêa Leite. **Estrutura familiar e mobilidade social**. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C Ltda., 1998.

DEAN, Warren. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo, Difusão européia do livro, 1971.

DUNDES, Ana Claudia. **O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente**. Presidente Prudente/SP: FCT/Unesp, 1998. (Dissertação de Mestrado)

ENNES, Marcelo Alário. **A construção de uma identidade inacabada**: nipo-brasileiros no interior de São Paulo. São Paulo: Unesp, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: dos fins dos territórios à multiterritorialidade. Rio Janeiro: Bertand Brasil, 2004.

HIRATA, Newton. **A contribuição empreendedora japonesa no desenvolvimento do norte paranaense**. Maringá: Trabalho apresentado ao concurso Estadual de ensaios e monografias promovido pela APEX, visando o centenário de amizade Brasil e Japão), 1995. (mimeografado)

MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, nº 50, p. 83-102, 1976.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiro de São Paulo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 1984.

MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. **A industrialização do Oeste Paulista**: o caso de Marília. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1994. (Dissertação de Mestrado)

\_\_\_\_\_. **A dinâmica industrial e a produção territorial no Oeste Paulista**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), 20 a 26 de março de 2005, cd-room p. 9900 a 9924.

PRADO Jr., Caio. **História econômica do Brasil**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil**: estudo de mobilidade e fixação. São Paulo: USP, 1961.

SAKURAI, Célia. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. São Paulo: **Revista USP**, nº 27; set./out./nov., p. 32-45, 1995.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e método e como método. São Paulo: **Boletim Paulista de Geografia**, nº 54, p. 81-99, 1977. (Traduzido por Maria Encarnação Vasquez Beltrão).

SAQUET, Marcos Aurélio. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: Ed. EST, 2003.

\_\_\_\_\_. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCHUMPETER, Joseph Alóis. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo. Abril, 1982.

SUZUKI, Teiiti. Mobilidade geográfica de imigrantes japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, p. 224-239, 1973.

TAKENAKA, Edilene Mayumi Murashita. **Raízes de um povo**: a colônia japonesa de Álvares Machado/SP. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 2003. (Dissertação de Mestrado)

VIEIRA, Francisca Isabel Shurig. **O japonês na frente de expansão paulista**. São Paulo: Pioneira, 1973.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72

### B

Beowulf 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167

### C

Cinema 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cocanha 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

### E

Economia 12, 14, 15, 20, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 84, 86, 92, 96, 97, 104, 105, 169, 172, 173

Egito 116, 117, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132

Entorpecentes 46, 48, 49, 53

Escassez de Água 81, 90

### G

Governo da Província 39, 44

### H

Hegemonia Neoliberal 95

História 1, 10, 12, 14, 28, 37, 39, 44, 45, 53, 56, 62, 71, 79, 81, 82, 93, 103, 106, 114, 115, 116, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 167, 168, 180, 182

História Ambiental 81, 82, 93

História Serial 141, 142

### I

Idade Média 157, 168, 169, 172, 173, 175, 180, 181

Identidade Nacional 51, 80, 142

Imperialista 33, 56, 57, 61

Indígenas 74, 77, 78, 79, 84

### M

Migração 14, 27, 90, 95, 108, 110, 114

Modelo Nomológico-Dedutivo 134, 137, 138, 139

Morte 75, 117, 124, 125, 126, 128, 131, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 158, 159

## **N**

Nacionalismo 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 61, 142

## **P**


Presença Lusitana 149, 150, 151

## **T**

Testamentos 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Tráfico 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2